

RB 49: Da observância da quaresma

RB 49: On the observance of Lent

D. ANSELMO CHAGAS DE PAIVA, OSB*

Resumo: O tempo da Quaresma é marcado como um período de recolhimento e de reflexão, marcado por um intenso espírito de penitência e de união com o Senhor pela oração. Todo o tempo quaresmal é um caminho que nos leva ao encontro com Cristo, mediante uma revisão de vida, para sermos, de novo, cristãos, mediante um constante processo de mudança interior e de progresso no conhecimento e no amor de Cristo. Neste capítulo 49, São Bento sublinha a espiritualidade da Igreja, que tem o tempo quaresmal como um momento propício para afastar-se com mais veemência do mal, entregar-se à oração com lágrimas e à leitura espiritual. Ainda nesta ocasião ouvimos ressoar na liturgia a exortação de Jesus: “Convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15). É um convite contínuo à conversão, à mudança de vida, para verdadeiramente procurar a Deus, estar com Ele e seguir os ensinamentos do seu Filho, Jesus Cristo. São Bento sintetiza bem este período no Capítulo 49 da sua Regra, sublinhando estes aspectos e frisando a necessidade do jejum e da penitência, caracterizado pela diminuição do sono, da comida, da bebida, das conversas e das brincadeiras; pois, para São Bento o corpo, assim como a alma, deve estar preparado para a Páscoa, para as alegrias da Ressurreição do Senhor.

Palavras-chave: São Bento. Quaresma. Conversão. Penitência. Jejum. Oração. Lágrimas.

Abstract: The season of Lent is marked as a period of retirement, reflection and an intense spirit of penance and union with the Lord through prayer. The entire Lenten season is a journey that leads us to meet Christ, through a review of life, to be Christians again, through a constant process of interior

* D. Anselmo Chagas de Paiva, OSB é doutor em Direito Canônico e Diretor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSB/RJ). Contato: d.anselmo@corporativo.msbrj.org.br

change and progress in the knowledge and love of Christ. In this chapter 49, St. Benedict underlines the spirituality of the Church, which has the Lenten season as a propitious moment to turn away more vehemently from evil, to give oneself to prayer with tears and to spiritual reading. On this occasion too, we hear Jesus' exhortation resounding in the liturgy: "Repent and believe in the Gospel" (Mk 1,15). It is an ongoing invitation to conversion, to change our life, to truly seek God, to be with Him and follow the teachings of His Son, Jesus Christ. Saint Benedict sums up this period well in Chapter 49 of his Rule, underlining these aspects and stressing the need for fasting and penance, characterized by reduced sleep, food, drink, conversations and distractions; because, for Saint Benedict, the body, as well as the soul, must be prepared for Easter, for the joys of the Resurrection of the Lord.

Keywords: Saint Benedict. Lent. Conversion. Penance. Fast. Prayer. Tears.

Introdução

A Quaresma é um tempo sacro favorável para peregrinação interior a Cristo. É também uma jornada pessoal e comunitária de conversão e de renovação espiritual. Nesta peregrinação, o próprio Cristo nos acompanha através do deserto da nossa pobreza, amparando-nos no caminho que leva à alegria da Páscoa.

Todos os dias e com maior empenho, sobretudo no tempo da Quaresma, o cristão deve enfrentar uma luta, como a que Cristo empreendeu no deserto da Judeia, onde durante quarenta dias foi tentado pelo diabo (cf. Mt 4,1-11). Trata-se de uma batalha espiritual, que se destina contra o pecado e, por fim, contra satanás. É uma luta que envolve a pessoa e exige uma vigilância atenta e constante.

O processo de renovação interior do tempo quaresmal nos faz recordar que a existência cristã é um combate incessante. Nessa ocasião, três práticas penitenciais muito queridas à tradição bíblica e cristã devem ser utilizados como alicerces: a oração, a esmola e o jejum (cf. Mt 6,1-18). Lutar contra o mal, contra qualquer forma de egoísmo e de ódio, e morrer para si mesmo para viver em Deus, é o itinerário ascético que

cada um de nós está chamado a percorrer com humildade e paciência, com generosidade e perseverança.

A Igreja recomenda inicialmente, para esse tempo, um maior empenho à oração, que é sempre um diálogo com o Senhor, feito com humildade e reta intenção, na perspectiva de atender sua vontade, como na oração do Pai Nosso: “[...]seja feita a vossa vontade” (Mt 6,9-10). Quando rezamos com um coração sincero, Deus sempre ouviu a nossa prece. O próprio Jesus deixa para nós significativos exemplos de oração¹.

Nas ambientações da oração, Jesus demonstra preferência por um “lugar deserto” (Mc 1,35; Lc 5,16) e se retira com frequência para o “monte”, onde sobe para rezar (cf. Lc 6,12; 9,28) e “à noite”, por lhe proporcionar a solidão (cf. Mc 1,35; 6,46-47; Lc 6,12). São lugares que evocam momentos do caminho da revelação de Deus no Antigo Testamento, indicando a continuidade do seu desígnio salvífico. Mas, ao mesmo tempo, indicam momentos de importância particular para Jesus que, de modo consciente, se insere nesse plano, totalmente fiel à vontade do Pai.

O Evangelista São Marcos narra uma destas noites, depois do dia pesado da multiplicação dos pães, e escreve: “Jesus obrigou logo os seus discípulos a subirem no barco e a irem à frente, por outro lado, rumo a Betsaida, enquanto Ele próprio se despedia da multidão. Em seguida, foi ao monte para orar. Já era noite, o barco estava no meio do mar e Ele sozinho em terra” (Mc 6,45-47).

Precisamente a experiência exemplar de Jesus mostra que a sua oração, animada pela paternidade de Deus e pela comunhão do Espírito Santo, aprofundou-se num exercício prolongado e fiel, até ao Horto das Oliveiras e à Cruz².

Todos nós somos chamados a darmos testemunho na oração, precisamente porque o nosso mundo se encontra muitas vezes fechado ao horizonte divino e à esperança do encontro com Deus. Na amizade profunda com Jesus e vivendo Nele e com Ele a relação filial com o Pai, através da nossa oração fiel e constante, podemos abrir janelas para o Céu de Deus.

1 Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, Petrópolis, Vozes, 1994, n. 541.

2 Cf. BENTO PP XVI, *Audiência geral de 30 de novembro de 2011*, in w2.vatican.va>. Acesso aos 15 de agosto de 2021.

Tendo como referência a oração de Jesus, em nós deve surgir um questionamento acerca da nossa própria oração, se estamos rezando o suficiente e com a devida disciplina e devoção. São Bento já havia prescrito para os seus monges sobre a importância da leitura orante da Sagrada Escritura, com especial relevo à “*lectio divina*”, onde ouvimos, meditamos e silenciamos diante do Senhor que nos fala através da sua palavra (cf. RB 4,55). Certamente, a oração é um dom, que é necessário acolher; é obra de Deus, mas exige o nosso compromisso e continuidade.

Em todo o período quaresmal, a Igreja oferece-nos com particular abundância a palavra de Deus. Meditando-a e interiorizando-a para vivê-la cotidianamente, aprendemos uma forma preciosa e insubstituível de oração, porque a escuta atenta de Deus, que continua a falar ao nosso coração, alimenta o caminho de fé que iniciamos no dia do Batismo. Pela oração entramos em comunhão íntima com Ele “que ninguém nos poderá tirar” (cf. Jo 16,22) e conhecemos as razões da nossa esperança (cf. 1Pd 3,15).

Um outro dever quaresmal é o da esmola, prática muito comum em todos os mosteiros, um atendimento especial reservado aos mais necessitados, através das suas obras sociais. Quando São Bento fala sobre o pobre, o que faz com frequência, não está falando dos monges, mas daqueles que se dirigem aos mosteiros para suplicar uma ajuda, uma esmola. São Bento fala da necessidade do pobre para o Abade, o celeireiro e toda a comunidade.

No capítulo 4 da sua Regra, São Bento menciona as obras de misericórdia espirituais e corporais: “Deve-se reconfortar os pobres, vestir os nus, visitar os enfermos e sepultar os mortos” (RB 4,14-19). Os pobres, assim como os doentes, os jovens e os hóspedes, estão recomendados ao cuidado especial do celeireiro, pois ele deve saber que terá que prestar contas deles a Deus (cf. RB 31,9). O porteiro deve atender “com toda a gentileza que vem do temor de Deus” (RB 66,3), sempre que um pobre chamar. Um cuidado especial deve ser dado aos pobres e aos peregrinos que visitam o mosteiro, “porque neles o Cristo é recebido” (RB 53,15).

São Bento também ressalta que quando um monge recebe roupas novas, deve devolver as velhas para serem guardadas na rouparia e dadas aos pobres (cf. RB 55,9). São Gregório Magno nos conta o episódio onde, por ocasião de uma fome, o subdiácono Agapito veio ao mosteiro pedir algum óleo, São Bento manda que o celeireiro lhe dê a última gota

que há no mosteiro e ficou irritado perante a desobediência do celeireiro, querendo reter o pouco de óleo que havia na comunidade³. Com isto, pode-se notar que São Bento quer dividir as posses do mosteiro com os necessitados. Assim, o princípio da propriedade comum é estendido de forma significativa também aos pobres e necessitados que chegam ao mosteiro⁴.

A esmola nos faz vencer esta incessante tentação, educando-nos para ir ao encontro das necessidades do próximo e partilhar com os outros aquilo que, por bondade divina, possuímos. Segundo os ensinamentos bíblicos, não somos proprietários, mas administradores dos bens que temos: assim, estes não devem ser considerados propriedade exclusiva, mas meios através dos quais o Senhor chama cada um de nós a fazer-se intermediário da sua providência junto do próximo⁵.

Jesus nos ensina uma característica típica da esmola cristã: “Que a tua mão esquerda não saiba o que fez a direita[...] a fim de que a tua esmola permaneça em segredo” (Mt 6,3-4). E, pouco antes, tinha dito que não devemos vangloriar-nos das nossas boas ações, para não correremos o risco de ficar privados da recompensa celeste (cf. Mt 6,1-2). Jesus ainda admoesta: “Brilhe a vossa luz diante dos homens de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem vosso Pai que está nos Céus” (Mt 5,16). Portanto, em tudo deve ser Deus glorificado (cf. RB 57,9). Se, ao praticarmos uma boa ação, não tivermos como finalidade a glória de Deus e o bem dos irmãos, mas, ao contrário, visarmos uma compensação de interesse pessoal ou simplesmente de louvor, colocamo-nos fora da lógica evangélica⁶.

É significativo o episódio evangélico da viúva que, da sua pobreza, lança no tesouro do templo “tudo o que tinha para viver” (Mc 12,44). A sua pequena e insignificante oferta tornou-se um símbolo eloquente: esta viúva dá a Deus não o supérfluo, não tanto o que tem, mas, entrega-se totalmente a si mesma. Esta passagem está inserida na descrição dos dias que precedem imediatamente a paixão e morte de Jesus, o qual, como observa São Paulo, fez-se pobre para nos enriquecer pela sua pobreza (cf. 2Cor 8,9). A Quaresma, nomeadamente através da prática da esmola, impele-nos a seguir este exemplo de Cristo.

3 S. GREGÓRIO MAGNO, *Livro dos Diálogos*, Rio de Janeiro, Lumen Christi, 2011, II, 28.

4 Cf. V. DAMMERTZ, *Poverty in the Rule of St. Benedict and Today*, in *The American Benedictine Review* 35(1984) 6-7.

5 Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, Petrópolis, Vozes, 1994, n. 2403.

6 Cf. BENTO PP XVI, *Mensagem para a quaresma 2008*, in w2.vatican.va>. Acesso aos 15 de agosto de 2021.

Um outro aspecto que podemos ressaltar é o jejum, incluído também como observância quaresmal, a ser vivido como experiência de privação e de penitência. O tempo da Quaresma traz à mente os quarenta dias de jejum vividos por Jesus no deserto, antes de empreender a sua missão pública. Lemos no Evangelho: “O Espírito conduziu Jesus ao deserto a fim de ser tentado pelo diabo. Jejuou durante quarenta dias e quarenta noites e, por fim, teve fome” (Mt 4,1-2). Moisés também jejuou antes de receber as Tábuas da Lei (cf. Ex 34,28), assim como Elias antes de encontrar o Senhor no monte Horeb (cf. 1Rs 19,8).

Na história da salvação é frequente o convite a jejuar. Já nas primeiras páginas da Sagrada Escritura o Senhor ordena que o homem se abstenha de comer o fruto proibido: “Podes comer o fruto de todas as árvores do jardim; mas não comas o da árvore da ciência do bem e do mal, porque, no dia em que o comeres, certamente morrerás” (Gn 2,16-17).

Tendo em vista o pecado e as suas consequências, o jejum nos é oferecido como um meio para restabelecer a amizade com o Senhor⁷. Assim fez Esdras antes da viagem de regresso do exílio à Terra Prometida, convidando o povo reunido a jejuar (cf. Esd 8,21). Deus ouviu a sua prece e garantiu os seus favores e a sua proteção. O mesmo fizeram os habitantes de Ninive que, sensíveis ao apelo de Jonas ao arrependimento, proclamaram, como testemunho da sua sinceridade, um jejum dizendo: “Quem sabe se Deus não se arrependerá, e acalmará o ardor da sua ira, de modo que não pereçamos?” (Jn 3,9). No Novo Testamento, Jesus ressalta a razão profunda do jejum lembrando que “nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4,4). O verdadeiro jejum finaliza-se, portanto, a comer o verdadeiro alimento, que é fazer a vontade do Pai (cf. Jo 4,34).

Encontramos a prática do jejum muito presente na primeira comunidade cristã (cf. At 13,3; 14,22; 27,21; 2Cor 6,5). Também os Padres da Igreja falam da força do jejum, capaz de impedir o pecado, de reprimir os desejos e de abrir no coração do crente o caminho para Deus. O jejum é também uma prática frequente e recomendada pelos santos de todas as épocas. Escreve São Pedro Crisólogo: “O jejum é a alma da oração e a misericórdia é a vida do jejum, portanto quem reza jejue. Quem jejua tenha misericórdia. Quem, ao pedir, deseja ser

7 Cf. S. BASÍLIO MAGNO, *Sermo de jejunio*: PG 31, 163, 98, in *Lecionário monástico*, Rio de Janeiro, Lumen Christi, 1999, p. 103.

atendido, atenda quem a ele se dirige. Quem quer encontrar aberto em seu benefício o coração de Deus não feche o seu a quem o suplica”⁸.

A prática fiel do jejum contribui ainda para conferir unidade à pessoa, através da junção entre corpo e alma, ajudando-a a evitar o pecado e a crescer na intimidade com o Senhor⁹. Com a esmola, o jejum e a oração permitimos que o Senhor venha saciar a fome mais profunda que vivemos no nosso íntimo: a fome e a sede de Deus.

Estes gestos exteriores, que devem ser realizados para agradar a Deus e não para obter a aprovação e o consenso dos homens expressam a determinação do coração a servir a Deus com simplicidade e generosidade; e assim, com o coração dilatado, empreendemos o caminho de conversão rumo às alegrias das festas pascais.

O contexto do capítulo

Neste capítulo 49 da sua Regra, São Bento dirige aos seus monges uma exortação espiritual que se inspira nos sermões quaresmais de São Leão Magno (+ 461). Particularmente sua primeira frase é nitidamente o eco da pregação pontifícia¹⁰. Dirigindo-se a seculares, o bispo de Roma os exortava para que aproveitassem a proximidade da Páscoa para novamente encontrar a pureza que deveria caracterizar em todo tempo a vida de um cristão¹¹. São Bento exorta os monges a seguir e também observar estas prescrições em comunhão com as orientações da Igreja.

V. 1-3: ¹Se bem que a vida do monge deva ser, em todo tempo, uma observância de Quaresma, ²como, porém, esta força é de poucos, por isso aconselhamos os monges a guardarem, com toda a pureza, a sua vida nesses dias de Quaresma ³e também a apagarem, nesses santos dias, todas as negligências dos outros tempos (*Licet omni tempore vita monachi quadragesimae debet observationem habere, tamen, quia paucorum est ista virtus, ideo suademus istis diebus quadragesimae omni puritate vitam suam custodire omnes pariter, et negligentias aliorum temporum his diebus sanctis diluere*).

8 S. PEDRO CRISÓLOGO, *Sermo* 43; PL 52, 320.332, in *Lecionário monástico*, Rio de Janeiro, Lumen Christi, 1999, p. 273-274.

9 Cf. S. AGOSTINHO, *Sermo* 400, 3, 3: PL 40, 708, in *Lecionário monástico*, Rio de Janeiro, Lumen Christi, 1999, p. 131-132.

10 Cf. S. LEÃO MAGNO, *Sermo* 39,2; 43,1; 44,2, in *Lecionário monástico*, Rio de Janeiro, Lumen Christi, 1999, p. 55-56.

11 Cf. S. LEÃO MAGNO, *Sermo* 6 de Quadragesima, 1-2: PL 54,285-287, in *Lecionário monástico*, Rio de Janeiro, Lumen Christi, 1999, p. 320-321.

São Bento começa esse capítulo lembrando que a vida do monge deve ser em todo tempo uma observância de Quaresma. A palavra “observância” é usada no sentido de estilo de vida, como a exteriorização de uma atitude interior a ser colocada em ação, em prática.

Mas também chama a nossa atenção uma outra palavra que aparece no v. 2: “*tamen*”, que pode ser traduzida por “contudo, mesmo assim”, o que indica que São Bento considera a realidade de sua comunidade. Se ele impusesse sua vontade pela violência, a comunidade rapidamente ficaria instável. É importante cuidar para que os fracos não se desencorajem a ponto de desistir (cf. RB Pról. 48; 48,24; 64,19).

No v. 2 aparece ainda um outro termo significativo. São Bento ressalta que o monge deve guardar “com toda a pureza sua vida nesses dias de Quaresma” (v. 2). Isso significa concretamente *estar puro* de todos os pecados e de toda negligência, trilhando o caminho correto para Deus¹².

Na cultura hebraica, o coração é o centro dos sentimentos, pensamentos e intenções da pessoa humana. Se a sagrada escritura nos ensina que Deus olha, não as aparências, mas ao coração (cf. 1Sm 16,7), podemos igualmente afirmar que é a partir do nosso coração que podemos ver a Deus. Isto porque o coração compreendia o ser humano na sua totalidade e unidade de corpo e alma, na sua capacidade de amar e ser amado.

No sermão das bem-aventuranças, Jesus proclama que os puros de coração verão a Deus (cf. Mt 5,8). O coração purificado é, portanto, o resultado de um processo que implica renúncia. O puro de coração não nasceu como tal, mas experimentou uma conversão interior, aprendendo a renunciar a si mesmo e o mal, o que a Sagrada Escritura chama de “circuncisão do coração” (cf. Dt 10,16; 30,6; Ez 44,9; Jr 4,4).

No contexto bíblico o coração não consiste apenas em sentimentos, mas é o lugar mais íntimo do ser humano, o espaço interior onde uma pessoa é ela mesma. O próprio Evangelho de Mateus nos diz: “Se a luz que está em ti for trevas, quão grandes serão essas trevas” (Mt 6,23). Esta “luz” é o olhar do coração, a perspectiva, a síntese, o ponto a partir do qual se lê a realidade¹³. O coração pode ser ainda visto como

12 Cf. A. BÖCKMANN, *Commentaire de la Règle de Saint Benoît*, Paris, Les éditions du cerf, 2018, p. 788-789.

13 Cf. FRANCISCO PP. *Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual “Evangelii Gaudium”*, São Paulo, Paulinas, 2013, n. 143.

o “reservatório” de tudo que somos. No Evangelho de São Lucas podemos ler: “O homem bom, do bom tesouro do coração tira o bem; e o mau, do mau tesouro tira o mal; porque a boca fala do que está cheio o coração” (Lc 6,45).

No que se refere a “puro”; a palavra grega usada pelo evangelista São Mateus é *καθαρός* (*katharos*) e significa, fundamentalmente, limpo, claro, livre de substâncias contaminadoras. No Evangelho, vemos Jesus desarraigar uma certa concepção da pureza ritual ligada a elementos externos, que proibia todo o contato com coisas e pessoas consideradas impuras, incluindo os leprosos e os forasteiros (cf. Mc 7,1-23; Mt 15,10-20). Os fariseus e também muitos judeus, não comiam sem antes terem feito as devidas abluções e observavam numerosas tradições relacionadas com a lavagem de objetos. Certa vez Jesus lhes disse: “Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa tornar impuro. Mas o que sai do homem, isso é que o torna impuro; porque é do interior do coração dos homens que saem os maus pensamentos, as prostituições, roubos, assassinios, adultérios, ambições, perversidade, má fé, devassidão, inveja, maledicência, orgulho, desvarios” (Mc 7,15.21-22).

Partindo do elenco dos males enumerados por Jesus, que tornam o homem impuro, vemos que a questão está ligada, sobretudo no campo dos nossos relacionamentos. É necessário discernir sobre aquilo que pode “contaminar” o coração, formando em si mesmo uma consciência reta e sensível, capaz de “discernir qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que lhe é agradável, o que é perfeito” (Rm 12,2).

São Paulo fazendo eco às palavras de Jesus, volta a dizer: “Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação; que eviteis a impureza, que cada um de vós saiba possuir o seu corpo em santificação e honestidade, sem se deixar levar pelas paixões desregradas, como fazem os pagãos que não conhecem a Deus” (1Ts 4,3-5). E Jesus ainda ressalta: “Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério. Eu, porém, vos digo: Todo aquele que lançar um olhar de cobiça para uma mulher, já adulterou com ela em seu coração” (Mt 5,28).

E podemos ainda lembrar de João Cassiano, que no início de sua primeira conferência espiritual, especifica: “A finalidade de nossa profissão monástica é a vida eterna [...], mas a vida é pureza de coração, justamente chamada de santidade pelo Apóstolo, sem a qual não pode chegar ao fim”¹⁴.

14 JOÃO CASSIANO, *Conferência*, Juiz de Fora, Subiaco, 2007, I,1.

São Bento nos faz um apelo a purificar também as nossas intenções, por isso é sempre salutar questionarmos: O que eu estou fazendo? Para onde vou? Para quem eu vivo? Por que eu faço as orações? Ao servir aos outros, a quem eu realmente sirvo? Ou ainda mais fundamentalmente: O que eu desejo quando procuro a Deus? São questões importantes que nos obrigam a entrar novamente em nós mesmos, como nos exorta Santo Agostinho: “Volta ao teu coração: então verás a imagem que fizeste de Deus, porque no teu coração está a imagem de Deus”¹⁵.

Somos, portanto, convidados por São Bento a purificar o nosso coração, nossa mente, vontade e inteligência e a remover o fermento da malícia que polui as raízes de todos os nossos pensamentos, sentimentos e julgamentos para adquirir aquela retidão e linearidade de consciência que nos torna simples, transparentes, pacíficos, serenos e alegres¹⁶. O que São Bento recomenda para o monge é algo que todos nós devemos pedir ao Senhor, especialmente no tempo da Quaresma, fazendo nossa a voz do salmista: “Criei em mim, Senhor, um coração que seja puro, dai-me de novo um espírito decidido” (Sl 50,12).

Voltando ao capítulo 49, vemos no seu versículo 3 a expressão “omnes pariter”, que normalmente é traduzida como “todos juntos” e indica a união de todos em prol do êxito das observâncias quaresmais. Com isso, São Bento quer enfatizar o componente de comunidade e usa duas vezes na sua Regra o termo “*omnes pariter*”; inicialmente em RB 20,5: “todos devem levantar juntos” (depois da oração); e depois em RB 72,12: “Cristo nos conduza a todos para a vida eterna”. São Bento tem o mérito de insistir na unidade: “todos juntos” na luta contra o mal, para juntos chegarmos ao nosso objetivo final: a Terra Prometida.

A Quaresma é vista por São Bento como um tempo sagrado, especialmente importante para a vida do monge, agora tratado na perspectiva tão autêntica dos primeiros séculos da Igreja. É a grande preparação para a Páscoa, o acontecimento de Salvação, que deve atingir todo cristão, mas, para o monge, é o padrão de sua vida, como frisa o Santo Patriarca: “Ainda que em todo tempo a vida do monge deva se passar como se ele estivesse na observância da Quaresma” (v. 1); o monge é o homem

15 S. AGOSTINHO, *Comentário ao Evangelho de São João* 17,10, in *Lecionário monástico*, Rio de Janeiro, Lumen Christi, 1999, p. 171-172.

16 Cf. M. PETRUZZELLI. *L'Osservanza della quaresima nella Regola di San Benedetto*, in *La Scala* 55 (2001) 89.

que vive continuamente uma Quaresma, na confiante expectativa da vinda do Senhor¹⁷.

V. 4-5: 4E isso será feito dignamente, se nos preservamos de todos os vícios e nos entregamos à oração com lágrimas, à leitura, à compunção do coração e à abstinência. 5Acrescentemos, portanto, nesses dias, alguma coisa ao encargo habitual da nossa servidão: orações especiais, abstinência de comida e bebida (Quod tunc digne fit si ab omnibus vitiis temperamus, orationi cum fletibus, lectioni et compunctioni cordis arque abstinentiae oporam damus. Ergo his diebus augeamus nobis aliquid solito pensu servitutis nostrae, orationes peculiare, ciborum et potus abstinentiam).

São Bento inicia o versículo 4 nos convidando a nos preservarmos de todos os vícios, o pronome “nós” indicando sua inclusão neste propósito, em união com os seus monges. Neste tempo quaresmal, o jejum é uma arma espiritual para combater o mal, as paixões negativas e os vícios. A palavra “vício”, do latim “*vitium*”, significa falha ou defeito. É um hábito repetitivo que degenera ou causa algum prejuízo ao viciado e aos que com ele convivem; denota algo negativo, inadequado, socialmente reprimível, abusivo e vergonhoso¹⁸. O Livro da Sabedoria nos mostra que os vícios dos pagãos tiveram como consequência a idolatria (cf. Sb 14,12) e São Paulo os chama de obras da carne (cf. Gl 5,19; 2Cor 12,20; 1Cor 5,10). O mesmo Apóstolo caracteriza as contendas, invejas, rixas, dissensões, detrações, murmurações, pretensões e desordens como graves vícios (cf. Rm 13,13s).

O “drama do vício” nos tempos atuais assume formas diferentes e novas: de acordo com a Organização Mundial da Saúde, o crescente uso de internet, computadores e outros dispositivos eletrônicos está associado não apenas a benefícios para usuários, mas também a casos documentados de uso excessivo, que podem levar a diferentes vícios com consequências negativas para a saúde psíquica e espiritual. Esta presença incontrolada nas plataformas digitais pode afetar também a qualidade das relações cotidianas, mas apoiados pelos ensinamentos

17 Cf. C. COLLART, *A sabedoria de São Bento para o nosso tempo*. São Paulo, Palavra e Prece, 2011, p. 189.

18 Cf. A. VAN DEN BORN, *Vício*, in *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, Petrópolis, Vozes, 1971, col. 1554.

do Senhor, podemos aliviar, cuidar e curar o sofrimento relacionado a todos os vícios, sobretudo com a prevenção e o domínio de si.

O livro do Profeta Joel exorta: “Convertei-vos a mim de todo o vosso coração com jejuns, com lágrimas, com gemidos” (Jl 2,12). Com estas palavras o profeta lança o seu brado para a conversão. Os sofrimentos, as calamidades que afligiam naquele tempo a terra de Judá estimulam o autor sagrado a encorajar o povo eleito a uma mudança de vida, isto é, a voltar com confiança filial ao Senhor dilacerando o seu coração e não as vestes. De fato, recorda o profeta, ele “é clemente e compassivo, paciente e rico em misericórdia e se compadece da desgraça” (Jl 2,13). O convite que o profeta Joel dirige aos seus ouvintes também é válido para todos nós.

Somos chamados a um trabalho de conversão do nosso coração a Deus, sempre conscientes de não poder realizar esta mudança sozinhos, unicamente com as nossas forças, porque é Deus quem nos converte. Ele ainda nos oferece o seu perdão, convidando-nos a voltar para Ele para que nos dê um coração novo, purificado do mal que o oprime, para fazer com que participemos da sua glória. A conversão do coração a Deus é a dimensão fundamental do tempo quaresmal.

São Paulo nos exorta: “Suplicamos-vos, pois, em nome de Cristo: reconciliai-vos com Deus” (2Cor 5,20). Este convite do Apóstolo ressoa como um ulterior estímulo a levar a sério o apelo quaresmal à conversão. São Paulo experimentou de maneira extraordinária o poder da graça de Deus: “Jesus Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro”, e acrescenta: “Por isso alcancei misericórdia, a fim de que Jesus mostrasse, primeiro em mim, toda a sua magnanimidade, e para que assim servisse de exemplo àqueles que haviam de crer nele para a vida eterna” (1Tm 1,15-16). Portanto, o Apóstolo está consciente de ter sido escolhido como exemplo, e essa sua exemplaridade diz respeito precisamente à conversão, à transformação da sua vida que se verificou graças ao amor misericordioso de Deus. “Embora eu fosse outrora blasfemo, perseguidor e injuriador alcancei misericórdia[...] e a graça de nosso Senhor superabundou” (1Tm 1,13-14). Toda a sua pregação e, antes ainda, toda a sua existência missionária foram sustentadas por um impulso interior reconduzível à experiência fundamental da “graça”. E ainda diz: “Pela graça de Deus, sou o que sou[...]” (1Cor 15,10).

No versículo 4 temos ainda a primeira lista, que caracteristicamente começa com a oração. É uma oração com lágrimas. Assim, para São Bento, a maneira de viver o tempo da Quaresma com a especificidade monástica é “com lágrimas” sucedendo a leitura e a oração. Quanto à abstinência, não consiste apenas em diminuir a comida e a bebida, ela atinge também o sono, a loquacidade (conversas) e a escurrilidade (brincadeiras).

A oração a que os monges são convidados a fazer neste tempo, não abrange apenas a prática comunitária e regulada, mas também o ato privado e espontâneo; como já havia ressaltado São Bento em duas outras passagens da sua Regra (cf. RB 20,3; 52,4). No capítulo sobre os Instrumentos das boas obras, a oração é mencionada, unida à confissão dos pecados “com lágrimas e gemidos” (cf. RB 4,55-57). A exortação de São Bento a este compromisso de orações especiais, escuta da Palavra e penitência deve prevalecer ao longo do ano. Continuamente somos convidados a progredir, e isso significa começar sempre de novo.

São Gregório Magno, ao narrar o episódio da reparação do crivo quebrado, que a sua ama havia solicitado emprestado, assinala: “Quando o jovem Bento, que era piedoso e bom, encontrou a ama chorando, compadecido da sua dor, pegou os dois cacos do vaso, e, levando-os consigo, entregou-se à oração com lágrimas. Quando se ergueu da oração, viu junto de si o crivo de tal forma íntegro que nenhum vestígio se podia descobrir da fratura[...]”¹⁹.

As lágrimas constituem um acessório de elevada importância, um enriquecimento substancial que propicia à oração uma qualidade incomparável. Quando se experimenta a transformação interior, as lágrimas passam a ser um sinal normal de toda verdadeira oração e se traduzem em uma comoção profunda que favorecem o chorar. Por isso, não é de admirar que São Bento prescreva ou proponha a oração com lágrimas, como se tratasse de algo próprio de todo orante. Essas lágrimas são um dom, uma graça concedida por Deus àquele que reza²⁰, indica ainda uma oração interior, que surge do fundo do coração. Para São Bento, também parece incluir a lembrança dos pecados e as lágrimas são o sinal mais específico dessa contrição, como aconteceu com o Apóstolo Pedro, após negar o Cristo (cf. Lc 22,62). Diante da

19 Cf. S. GREGÓRIO MAGNO, *São Bento: Vida e Milagres*, Juiz de Fora, Edições Subiaco, 2009, p. 71.

20 Cf. A. DE VOGÜË, *O que diz São Bento: Uma leitura da Regra*, Belo Horizonte, Mazza Edições, 1999, p. 189.

bondade e majestade de Deus, nós experimentamos profundamente dois abismos que se enfrentam: o abismo do nosso pecado e o abismo da misericórdia de Deus²¹.

Em uma das bem-aventuranças Jesus diz: “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados” (Mt 5,4). Na língua grega esta bem-aventurança é expressa com um verbo que não está no passivo, isto para indicar que os bem-aventurados não são vítimas desse choro; o verbo encontra-se na voz ativa: “os que choram”; ou seja, choram, mas por dentro. É uma atitude que se tornou central na espiritualidade cristã, à qual os Padres do Deserto, os primeiros monges da história, chamaram *πένθος* (*pénthos*), ou seja, uma dor interior que se abre a uma relação com o Senhor e com o próximo²².

Esse choro na Sagrada Escritura pode ter dois aspetos: o primeiro é pela morte ou sofrimento de alguém. O segundo são as lágrimas pelo pecado, pela própria culpa, quando o coração sangra pela dor de ter ofendido a Deus e ao próximo. Trata-se, portanto, de amar o outro de maneira tal que nos vinculamos a ele ou a ela até compartilharmos a sua dor.

No Novo Testamento, há três episódios em que Jesus derrama lágrimas. Provavelmente, não são os únicos momentos em que ele chorou, mas são estas as ocasiões em que ficam evidentes os seus sentimentos. Em um primeiro momento ele chora ao constatar a angústia daqueles que Ele ama: “Quando, porém, Maria chegou onde Jesus estava e o viu, lançou-se aos seus pés e disse-lhe: Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido! Ao vê-la chorar assim, como também todos os judeus que a acompanhavam, Jesus ficou intensamente comovido em espírito. E, sob o impulso de profunda emoção, perguntou: Onde o pusestes? Responderam-lhe: Senhor, vinde ver. Jesus chorou” (Jo 11,32-35). As lágrimas nos relembram o amor que Deus tem para conosco. Elas nos mostram como Jesus sofre ao nos ver sofrer. Ele deixa transparecer sua verdadeira compaixão e chora diante da dor de seus amigos.

Em um outro momento Jesus chora ao ver os pecados da humanidade: “Aproximando-se ainda mais, Jesus contemplou Jerusalém e chorou sobre ela” (Lc 19,41). Nesta passagem o choro de Jesus está

21 Cf. A. BÖCKMANN, *Commentaire de la Règle de Saint Benoît*, Paris, Les éditions du cerf, 2018, p. 791-792.

22 Cf. FRANCISCO PP, *Catequese sobre as bem-aventuranças*, Rio de Janeiro, Lumen Christi, 2021, p. 8-9.

relacionado aos pecados passados e futuros das pessoas. Em outras palavras, Deus também se entristece quando vê que estamos nos distanciando dele.

Também na Carta aos Hebreus nos diz: “Nos dias de sua vida mortal, dirigiu preces e súplicas, entre clamores e lágrimas, àquele que o podia salvar da morte, e foi atendido pela sua piedade” (Hb 5,7). Essas lágrimas vieram com uma veemente súplica a Deus. Assim, a oração deve abranger todo o nosso ser e se alimentar de nossas emoções, permitindo que Deus penetre em todos os aspectos da nossa vida.

O profeta Joel foi enviado por Deus para chamar o povo à penitência e à conversão, por causa da invasão de gafanhotos que devastava a Judeia (cf. Jl 1,4ss). Mediante essa calamidade o profeta Joel convida o povo à conversão interior: “Voltai para mim com todo o vosso coração” (Jl 2,12). O homem é chamado a voltar ao Senhor com orações e jejuns, confessando o próprio pecado. Trata-se de um itinerário espiritual que diz respeito ao lugar mais íntimo da nossa pessoa. Com efeito, o coração é a sede dos nossos sentimentos, o centro no qual amadurecem as nossas escolhas e as nossas atitudes.

O profeta medita de maneira particular sobre a prece dos sacerdotes, observando que ela deve ser acompanhada de lágrimas: “Chorem, postos entre o vestíbulo e o altar, os ministros sagrados do Senhor, e digam: ‘Perdoa, Senhor, a teu povo, e não deixes que esta tua herança sofra infâmia e que as nações a dominem’. Por que se haveria de dizer entre os povos: ‘onde está o Deus deles?’. Então o Senhor encheu-se de zelo por sua terra e perdoou ao seu povo” (Jl 12,17-18).

Pensemos ainda no choro do Apóstolo São Pedro, após ter negado o Cristo por três vezes (cf. 22,69-75). Mas isso o levará a um amor novo e muito mais verdadeiro: é um choro que purifica, que renova. Pedro olhou para Jesus e chorou: o seu coração foi renovado. Ao contrário de Judas, que não aceitou ter errado e, pobre homem, suicidou-se (cf. Mt 27,5). Santo Efrém, o Sírio, um dos primeiros monges, diz que um rosto lavado pelas lágrimas é de uma beleza indescritível²³. A beleza do arrependimento, a beleza do choro, a beleza da contrição.

São Bento termina este versículo com a expressão “*compunctioni cordis*”. O termo “*compungere*” significa “perfurar”. No Livro dos Atos dos Apóstolos, lemos no final do sermão pentecostal de São Pedro:

23 Cf. FRANCISCO PP, *Catequese sobre as bem-aventuranças*, Rio de Janeiro, Lumen Christi, 2021, p. 9.

“Quando ouviram isto, seus corações se feriram” (At 2,37). Uma leitura existencial pode desencadear esta “compunção”. As lágrimas são um presente que podemos pedir ao Senhor. E no final deste versículo encontramos a palavra “abstinência” (*abstinentia*), uma expressão que indica o afastar daquilo que não leva à meta, retirar algo para liberar uma abertura pela qual possa entrar a graça, ou um vazio chamado a ser preenchido pela Palavra de Deus.

No versículo 5 temos uma segunda lista de preceitos a serem observados e novamente São Bento fala de oração e, desta vez no plural: “*orationes peculiares*”, uma frase que pode ser traduzida como “orações particulares”. Certamente não são orações recitadas em comum, mas, orações especiais ou pessoais, e silenciosas. Assim, pode entrar no oratório um irmão que queira orar silenciosamente (cf. RB 52,3). São Bento quer reservar mais tempo para a oração pessoal durante a Quaresma, pois ele sabe que a oração alimenta a esperança e beneficia o recolhimento do nosso coração, onde só Deus vê (cf. Mt 6,4.6.18).

Precisamente por isto a Quaresma constitui um tempo favorável para uma atenta revisão de vida no recolhimento, na oração e na penitência. São Bento fala aqui do “*pensum servitutis*”. É um dever, um serviço que endossamos ao emitirmos a profissão monástica.

Em seguida, vem a exortação sobre a “abstinência de comida e de bebida”. É necessário retirar algo para deixar mais espaço para o espiritual. Para a bebida é uma questão de reduzir a porção de vinho (cf. RB 40). Essa abstinência da comida mencionada nesse versículo nos convida à prática do jejum e a fazer neste tempo forte, uma estreita unidade com as recomendações da Igreja para o período da Quaresma, pois São Bento sabe que essas indicações têm como objetivo uma purificação interior, para com isso, fortalecer os seus monges no combate contra o mal, as paixões negativas e os vícios. Contudo, todas essas indicações devem ficar sob o critério do Abade, que sabe em que medida essas renúncias são úteis ao indivíduo e à comunidade²⁴.

V. 6-7: *6e assim ofereça cada um a Deus, de espontânea vontade, com a alegria do Espírito Santo, alguma coisa além da medida estabelecida para si; 7isto é: subtraia ao seu corpo algo da comida, da bebida, do sono, da conversa, da escurrilidade, e, na alegria*

24 Cf. A. BÖCKMANN, *Commentaire de la Règle de Saint Benoît*, Paris, Les éditions du cerf, 2018, p. 793.

do desejo espiritual, espere a Santa Páscoa (ut unusquisque super mensuram sibi indicam aliquid propria voluntate cum gaudio Sancti Spiritus offerat Deo [1Ts 1,6]; id est subtrahat corpori suo de cibo, de potu, de somno, de loquacitate, de scurrilidade, et cum spiritalis desiderii gaudio sanctum Pascha exspectet).

Nesse versículo chama a nossa atenção a palavra “*unusquisque*”. Utilizada por São Bento, que aparece logo no início da frase e indica “cada um”, mas, ao mesmo tempo, sugere que “todos” devem se comprometer com o mesmo objetivo, partindo do Abade até o mais jovem postulante, para que cada um possa oferecer a Deus alguma coisa, além da medida estabelecida para si (v. 6).

Também neste versículo São Bento usa duas outras expressões que devemos ressaltar: “*voluntate*” e “*desiderii*”. Estas palavras indicam o “livre arbítrio”. O oferecimento da penitência quaresmal do monge deve ser feito imbuído da sua “própria vontade”, o que diferencia de “vontade própria”. Na Regra de São Bento a expressão “vontade própria” é sinônimo de desobediência e de pecado. Aqui, a expressão adquire um outro sentido e indica a espontaneidade em oferecer algo de si a Deus.

São Bento diz ainda que este oferecimento a Deus deve ser feito na alegria do Espírito Santo. O verbo “*gaudere*” é usado no quarto grau de humildade, quando o monge experimenta grande sofrimento. A alegria se torna possível “por aquele que nos amou” (RB 7,39). Essa alegria deve ser vivida no âmbito também do tempo quaresmal, e não só na Páscoa. Isso mostra um certo diferencial na Regra de São Bento, pois, em muitas outras regras monásticas o tempo quaresmal é marcado pela tristeza e por fortíssimas penitências²⁵.

Lemos na carta de São Paulo aos Filipenses: “Alegrai-vos sempre no Senhor!” (Fl 4,4). Com efeito, a alegria é um elemento central da experiência cristã, que se concretiza em uma mensagem de alegria e de esperança. No Evangelho vemos como os acontecimentos que marcam o início da vida de Jesus se caracterizam pela alegria. Quando o arcanjo Gabriel anuncia à Virgem Maria que ela será a mãe do Salvador, começa com esta palavra: “Alegra-te!” (Lc 1,28). Quando Jesus nasce, o Anjo do Senhor diz aos pastores: “Eis que vos anuncio uma grande alegria, que será de todo o povo: hoje, na cidade

25 Cf. *Ibidem*, p. 794-795.

de Davi, nasceu para vós um Salvador, que é Cristo Senhor” (Lc 2,11). E os magos que procuravam o menino, “ao ver a estrela, sentiram uma grande alegria” (Mt 2,10). Por conseguinte, o motivo desta alegria é a proximidade de Deus, que passa a estar conosco. E é isto que São Paulo queria significar quando escreveu aos cristãos de Filipos: “Alegrai-vos sempre no Senhor, repito, alegrai-vos. Que a vossa mansidão seja notória a todos os homens. O Senhor está perto” (Fl 4,4-5).

Quando verdadeiramente procuramos o Cristo e o encontramos, nasce sempre uma grande alegria interior. Por isso, mesmo na Quaresma podemos experimentar essa alegria. Em várias outras passagens do Evangelho deparamos com as manifestações de alegria. A visita de Jesus a Zaqueu, um cobrador de impostos desonesto, um pecador público, ao qual Jesus diz: “Hoje tenho que ficar em tua casa”. E Zaqueu recebeu-o cheio de alegria (cf. Lc 19,5-6). É a alegria do encontro com o Senhor; é o sentir o amor de Deus que pode transformar toda a existência e trazer salvação. E Zaqueu decidiu mudar de vida e dar metade dos seus bens aos pobres²⁶.

Na hora da Paixão de Jesus, este amor manifesta-se em toda a sua força. Nos últimos momentos da sua vida terrena, na ceia com os seus amigos, Ele diz: “Como o Pai Me amou, também Eu vos amei. Permaneci no meu amor[...] Digo-vos isso para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja completa” (Jo 15,9.11). A alegria cristã é abrir-se ao amor de Deus e seguir os seus ensinamentos, pois acolher a sua Palavra é sinal de alegria para o coração. O profeta Jeremias escreve: “Eu devoro as Vossas palavras, onde as encontro; a vossa palavra é a minha alegria, as delícias do meu coração” (Jr 15,16).

Essa alegria profunda podemos ainda dizer que é fruto do Espírito Santo (cf. Gl 5,22-23) que nos torna filhos de Deus, e de podermos dirigir-nos a ele como “*Abbá*”, Pai (cf. Rm 8,15). Mas, também podemos dizer que esta alegria é fruto da fé e cotidianamente nos prepara para o encontro com Ele, não só na Páscoa, mas todos os dias.

Essa presença do Espírito Santo na Quaresma já era indicada pelo Evangelista São Mateus no relato bíblico das tentações: “Então Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo” (Mt 4,1). É significativo notar que Jesus se retira para o deserto,

26 Cf. BENTO PP XVI, *Mensagem para a XXVII jornada mundial da juventude 2012*, in *w2.vatican.va*>. Acesso aos 15 de agosto de 2021.

lugar do silêncio, da pobreza, onde o homem permanece desprovido da ajuda material; é também o lugar da morte, pois onde não há água também não há vida; e é o lugar da solidão, onde o homem sente mais intensa a tentação. Jesus vai ao deserto e ali padece a tentação de deixar o caminho indicado pelo Pai para seguir outras veredas, mais fáceis e mundanas (cf. Lc 4,1-13). Jesus vence as tentações e vence o maligno exatamente para nos mostrar o caminho rumo a Deus, a senda da conversão. São Leão Magno comenta que “o Senhor quis padecer o ataque do tentador para nos defender com a sua ajuda e para nos instruir com o seu exemplo”²⁷.

O objetivo de Satanás é desviar Jesus do caminho da obediência e da humildade e levá-lo, pelo falso atalho, ao sucesso e à glória. Mas as suas flechas venenosas são detidas por Jesus com o escudo da Palavra de Deus (cf. Mt 4,7.10). Jesus não profere qualquer palavra própria: responde somente com a Palavra de Deus. E assim Ele, repleto da força do Espírito Santo, sai vitorioso do deserto²⁸. Todos nós, de uma forma ou de outra, vivemos cada dia, essas provas do deserto e somos continuamente tentados. Mas o núcleo de toda a tentação é colocar Deus de lado, o qual, junto às questões urgentes da nossa vida, aparece como algo secundário, se não mesmo supérfluo e incômodo²⁹.

O versículo 7 contém uma outra lista que está no âmbito do corpo. Desta vez, São Bento não fala em “abstinência”, mas em “subtrair” algo da alimentação habitual. São Bento repete e novamente frisa que a moderação se relaciona com a comida; e a bebida, isso é, o vinho; mas o fato de reduzir o sono indica que dormir menos visa também reservar um tempo maior a ser dedicado à oração. Outra novidade surpreendente é a proposta de cortar as conversas, sobretudo aquelas inconvenientes (cf. RB 6,4; 7,57).

São Bento já havia alertado aos monges: “Já quanto às brincadeiras, palavras ociosas e que provocam riso, condenamo-las em todos os lugares a uma eterna clausura, para tais palavras não permitimos ao discípulo abrir a boca” (RB 6,8). Durante a Quaresma, os monges devem aplicar-se ao silêncio e dizer boas palavras. Renunciar aos prazeres superficiais e reservar mais espaço para as alegrias muito mais profundas³⁰.

27 Cf. S. LEÃO MAGNO, *Tractatus XXXIX, 3 De ieiunio quadragesimae*: CCL 138/a, Turnholti 1973, 214-215.

28 Cf. FRANCISCO PP, *Ángelus*, 5 de março de 2017, in w2.vatican.va>. Acesso aos 21 de julho de 2021.

29 Cf. BENTO PP XVI, *Jesus de Nazaré*, São Paulo, Planeta, 2007, p. 62.

30 Cf. A. BÖCKMANN, *Commentaire de la Règle de Saint Benoît*, Paris, Les éditions du cerf, 2018, p. 794-795.

Neste versículo 7 São Bento completa a frase dizendo: “com a alegria do desejo espiritual” (v. 7). Esta última referência à alegria faz pensar num outro valor cristão lembrado pelo Apóstolo: a “alegria da esperança” (Rm 12,12). De fato, a nossa alegria neste mundo do que esperar, isto é, aguardar a promessa de Deus na certeza dada pela fé.

A alegria mencionada neste versículo tem sabor de primícias, é a alegria da confiança e da certeza da Ressurreição do Senhor na Páscoa. O próprio São Bento experimentou esta alegria³¹. Isso também nos faz lembrar do quarto domingo da Quaresma, tradicionalmente designado como domingo “*Laetare*”, uma expressão em latim que quer dizer “alegra-te”. É a alegria pela proximidade da Páscoa do Senhor. Neste tempo da Quaresma, em que nos reconhecemos pecadores, cheios de misérias e necessitados de purificação, também há lugar para a alegria. Porque a Quaresma é simultaneamente tempo de fortaleza e de júbilo³².

Desse desejo espiritual que cumula de alegria, São Bento já havia mencionado no capítulo sobre os instrumentos das boas obras: “Desejar a vida eterna com toda a cobiça espiritual” (RB 4,46). Agora trata-se da Ressurreição Pascal, anúncio e começo da bem-aventurada eternidade. O Espírito, de onde emana aquele desejo, tem por primeiros frutos o amor e a alegria (cf. Gl 5,17-22).

As penitências são apenas expressões da santa alegria com que o Espírito Santo faz a alma transbordar na expectativa da Santa Páscoa. Esse traço sobrenatural da solenidade do jejum é aplicado concretamente à vida monástica. Ainda que lhes seja conservado esse caráter laborioso e austero, São Bento ilumina o tempo quaresmal com a alegria que vem da fé e da confiança em Deus³³.

V. 8-10: *⁸Entretanto, mesmo aquilo que cada um oferece, sugira-o ao seu Abade, e seja realizado com a oração e a vontade dele, ⁹pois o que é feito sem a permissão do pai espiritual será reputado como presunção e vanglória e não como digno de recompensa. ¹⁰Portanto, tudo deve ser feito com a vontade do Abade (Hoc ipsud tamen quod unusquisque offerit abbati suo suggerat, et cum eius fiat oratione et voluntate, quia quod sine permissione*

31 Cf. S. GREGÓRIO MAGNO, *São Bento: Vida e Milagres*, Juiz de Fora, Edições Subiaco, 2009, p. 74-75.

32 Cf. J. M. ESCRIVÁ, *É Cristo que passa*, São Paulo, Quadrante, 2018, p. 63

33 Cf. A. DE VOGÜÉ, *O que diz São Bento: Uma leitura da Regra*, Belo Horizonte, Mazza Edições, 1999, p. 190.

patris spiritualis fit, praesumptioni deputabitur et vanae gloriae, non mercedi. Ergo cum voluntate abbatis omnia agenda sunt).

São Bento conclui o capítulo ressaltando que esse oferecimento a ser realizado nesse tempo da Quaresma deve ser feito com oração e em conformidade com a vontade do Abade (v. 8). Todas as regras antigas concordam com o princípio de que nenhuma mortificação deve ser praticada sem a aprovação do superior. Se alguém não deseja se submeter e obedecer ao julgamento do pai espiritual, não há esperança de ser recompensado. Observemos que neste contexto o Abade é denominado “pai espiritual”. Ele deve estar familiarizado com esses assuntos espirituais complexos, pois pode haver alguns casos de teimosia, precisamente nestas questões.

E São Bento novamente frisa no último versículo do capítulo: “Tudo deve ser feito com o consentimento do Abade” (v. 10). Esta formulação permite a São Bento dispensar os detalhes. Assim, o “*omnes pariter*” (todos juntos) de “todos juntos queremos apagar a negligência de outros tempos” (v. 3) recebe agora uma nota muito especial. O Abade estará atento ao bom ambiente que deve reinar na comunidade. As palavras de cada um são submetidas ao Abade, e assim “inseridas no todo” (v. 4). Por mais que São Bento insista na vontade espontânea e na generosidade de cada um, ele zela por toda a comunidade.

Em muitos mosteiros é costume ter, por ocasião da Quaresma, a chamada cédula quaresmal. Além disso, as refeições são mais simples e nos dias de quartas e sextas-feiras, com supressão da sobremesa, sopa e pão no jantar. Também nas quartas e sextas-feiras o recreio é substituído por tempo espiritual até o horário da Oração das Completas. A cédula quaresmal é constituída por algumas observâncias, como: Conversão pessoal, abstinência, jejum, oração, e ainda a leitura a ser feita ao longo deste tempo.

São Bento coloca essa necessidade da bênção e da aprovação do Abade, que é o portador do Espírito para toda a comunidade, ao desejo que o monge exprime. É o Abade que aprova a manifestação que o Espírito Santo faz aos seus discípulos a fim de que essa manifestação sirva à salvação deles e da comunidade. A vontade do monge só é agradável a Deus, quando se une à vontade do Abade e, por esse meio à de toda a comunidade. Daqui deduz São Bento o princípio geral que

vale para todos os atos da vida monástica: por conseguinte, deve-se fazer tudo com a vontade do Abade. A obediência à autoridade que se manifesta no cumprimento da ordem dada, é como o fundamento e o âmago da vida monástica. Essa concepção da obediência é um aperfeiçoamento e um enriquecimento espiritual da submissão à autoridade, sobretudo no âmbito monástico.

Essa maneira de viver a Quaresma deve encher a alma do monge de luz e coragem para chegar à festa da Páscoa. Ele é convidado a viver esse período propício à perfeição evangélica, modelo ideal da vida monástica. Segundo São Bento, a unidade interna da família cenobítica desenvolve-se no sentido da Páscoa eterna e da glorificação celeste. Entretanto, a conclusão do capítulo mostra que São Bento não perde de vista sua doutrina a respeito da obediência. Mesmo boa, a própria vontade deve estar submetida à “vontade do Abade”.

Conclusão

As palavras essenciais de São Bento nesse capítulo não perderam a sua atualidade, pois a primazia do espiritual é especialmente o mais importante em todos os tempos. Esse capítulo ainda nos faz pensar que o tempo da Quaresma é o mais adequado para as comunidades monásticas praticarem seus Exercícios Espirituais anuais, prescritos pela Igreja (cf. cân. 663 § 5). A Quaresma é o momento de desapego de todos os assuntos temporais e ocupações para se dedicarem com mais seriedade ao enriquecimento do seu interior, ao exame minucioso do estado de sua consciência, para meditar, contemplar, rezar e assim preparar a sua alma na purificação de todos os seus pecados e de todos os afetos e hábitos desordenados, para então poder preencher-se com o desejo de virtudes e dedicar-se a investigar e conhecer a vontade de Deus e, uma vez conhecida, submeter-se a ela, conformar-se a ela e, desta forma, tender, avançar e, finalmente, alcançar a perfeição.

São Bento não só nos indica o momento mais conveniente para isso, mas também traça o programa mais adequado para essa finalidade. Isto porque realmente, os exercícios espirituais são um remédio para a santificação: renovam a alma e a fortalece.

E esse é o mesmo convite que toda a Regra faz desde o Prólogo, quando chama o monge “que deseja caminhar para a vida e para viver dias felizes” (RB Pról. 15). Para isso, ele pede: “Afasto-se do mal e faça o bem” (RB Pról. 17). Se o caminho se torna estreito, não se deve temer, porque é “participar com paciência nos sofrimentos de Cristo” (v. 50), para merecer acompanhá-lo ao seu Reino. Assim, toda a vida do monge é preparação e participação no mistério pascal do seu Senhor³⁴.

A Quaresma deve ser para cada cristão uma experiência renovada do amor de Deus que nos foi dado em Cristo, amor que todos os dias devemos, por nossa vez, “dar novamente” ao próximo, sobretudo a quem mais sofre e é necessitado. Só assim poderemos participar plenamente das alegrias que o Tempo Pascal nos proporciona.

34 Cf. F. RIVAS, *La Cuaresma en la Regla de san Benito: una vida según las bienaventuranzas (RB 49)*, in *Cuadernos Monásticos* 33 (1998) p. 272.

Referências

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo, Paulus, 2012.

BENTO PP XVI. Audiência geral de 30 de novembro de 2011, in w2.vatican.va>. Acesso aos 15 de agosto de 2021.

_____. Homilia durante a missa com o Rito da imposição das Cinzas, em 1º de março de 2006, in w2.vatican.va>. Acesso aos 28 de junho de 2021.

_____. *Jesus de Nazaré, São Paulo, Planeta, 2007.*

_____. Mensagem para a quaresma 2008, in w2.vatican.va>. Acesso aos 15 de agosto de 2021.

_____. Mensagem para a XXVII jornada mundial da juventude 2012, in w2.vatican.va>. Acesso aos 15 de agosto de 2021.

BÖCKMANN, A. *Commentaire de la Règle de Saint Benoît, Paris, Les éditions du cerf, 2018.*

COLLART, C. *A sabedoria de São Bento para o nosso tempo, São Paulo, Palavra e Prece, 2011.*

COLOMBÁS, G. M. *La Regla de San Benito. Madrid, BAC, 2000.*

Catecismo da Igreja Católica. Petrópolis, Vozes, 1994.

DAMMERTZ, V. *Poverty in the Rule of St. Benedict and Today, in The American Benedictine Review 35(1984) 1-16.*

DE VOGÜÉ, A. *O que diz São Bento: Uma leitura da Regra, Belo Horizonte, Mazza Edições, 1999.*

_____. *La conversion du désir dans le chapitre de S. Benoît sur le Carême, in Collectanea Cisterciensia 56 (1994) 134-138.*

ESCRIVÁ, J. M. *É Cristo que passa, São Paulo, Quadrante, 2018.*

FRANCISCO PP. *Ângelus, 5 de março de 2017, in w2.vatican.va*>. Acesso aos 21 de julho de 2021.

_____. *Catequese sobre as bem-aventuranças, Rio de Janeiro, Lumen Christi, 2021.*

_____. *Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual "Evangelii Gaudium", São Paulo, Paulinas, 2013.*

GÓMEZ DE LAS BÁRCENAS, A. *La santa cuaresmo, o el retiro espiritual anual más apropiado para el monje o la monja contemplativos, benedictino-cistercienses*, in *Cistercium* 49(1997) 43-61.

JOÃO CASSIANO. *Conferencia, Juiz de Fora, Subiaco, 2007*.

PETRUZZELLI, M. *L'Osservanza della Quaresima nella Regola di San Benedetto*, in *La Scala* 55 (2001) 86-93.

PUZICHA, M. *Commentaire de la Règle de Saint Benoît*. Suresnes, 2015.

RIVAS, F. *La Cuaresma en la Regla de san Benito: una vida según las bienaventuranzas (RB 49)*, in *Cuadernos Monásticos* 33 (1998) 251-272.

S. AGOSTINHO. *Comentário ao Evangelho de São João 17,10*, in *Lecionário monástico*, Rio de Janeiro, Lumen Christi, 1999.

_____. *In Io. evang. 12, 13, 35*, in *Lecionário monástico*, Rio de Janeiro, Lumen Christi, 1999, p. 37-38.

_____. *Sermo 400, 3, 3: PL 40, 708*, in *Lecionário monástico*, Rio de Janeiro, Lumen Christi, 1999.

S. BASÍLIO MAGNO. *Sermo de jejunio: PG 31, 163, 98*, in *Lecionário monástico*, Rio de Janeiro, Lumen Christi, 1999.

S. GREGÓRIO MAGNO. *São Bento: Vida e Milagres*, Juiz de Fora, Edições Subiaco, 2009.

_____. *Livro dos Diálogos*, Rio de Janeiro, Lumen Christi, 2011, II, 28.

S. LEÃO MAGNO. *Tractatus XXXIX, 3 De ieiunio quadragesimae: CCL 138/a*, Turnholti 1973.

_____. *Sermo 39,2; 43,1; 44,2*, in *Lecionário monástico*, Rio de Janeiro, Lumen Christi, 1999.

_____. *Sermo 6 de Quadragesima, 1-2: PL 54,285-287*, in *Lecionário monástico*, Rio de Janeiro, Lumen Christi, 1999.

S. PEDRO CRISÓLOGO. *Sermo 43; PL 52, 320.332*, in *Lecionário monástico*, Rio de Janeiro, Lumen Christi, 1999.

VAN DEN BORN, A. *Vício*, in *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, Petrópolis, Vozes, 1971, col. 1554.

Artigo recebido em 10/02/2022 e aprovado para publicação em 10/05/2022

Como citar:

CHAGAS DE PAIVA, A. Da Regra de São Bento capítulo 49: O bservância da quaresma. Coletânea. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 21, n. 41, p. 13-38, jan./jun. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v21i41-2022-1> Disponível em: www.revistacoletanea.com.br